

Marcelo Viñar

Uma utopia sem lugar de chegada

O nome de Marcelo Viñar vem sendo conhecido no Brasil por todos aqueles que se preocupam com a relação entre psicanálise e contexto sócio-político. Seu livro *Exílio e Tortura*¹, publicado no Uruguai, Brasil, Argentina e França, contém ensaios seus e de sua mulher Maren, e traz o relato pungente sobre sua experiência como psicanalista no trabalho com ex-torturados. As possibilidades da psicanálise ser exercida em situações-limite, violência social, infância marginalizada e infratora, xenofobia, intolerância - questões tão gritantes de nosso mundo de hoje - são alguns dos temas que norteiam a reflexão de Viñar.

Esta entrevista foi realizada em setembro de 2000. Pudemos então ter contato com o percurso de Viñar – os avatares de um psicanalista uruguaio que, em meio à ditadura, exila-se em Paris, ali tendo contato com Serge Léclair, René Major, os Mannoni e outros. Foi possível saber de sua relação com as instituições, sua busca de um enraizamento da psicanálise no contexto da América Latina e seu trabalho como psicanalista em meio a

Realização: Bela Sister, Cristiane Sammarone, Eveline Alperowich, Mara Selaibe, Miriam Chnaiderman e Patrícia Gettinger;

Transcrição e tradução: Cristiane Sammarone; **Revisão:** Grupo de Entrevistas

tudo isso, revelando que paixão e pensamento podem se alimentar em fecundas criações.

Hoje, Marcelo Viñar é membro titular da Associação Psicanalítica do Uruguai. Coerente com sua indagação e seu percurso, trabalha com supervisão do atendimento à infância marginalizada. É autor de vários artigos divulgados em revistas especializadas.

Percorso: O Sr. poderia nos contar quais foram as influências que reconhece em seu trabalho?

Viñar: Cada ser humano resume um pouco a história de sua geração e de seu tempo e, talvez, mais do que algo referido à minha própria pessoa, interesse um testemunho da geração à qual pertença. É certo que o ofício de psicanalista me parece muito importante e cada vez mais atravessado pelo tempo: pela história de seu país, de sua região, pela história do seu lugar de pertinência. E isso tem se modificando através das décadas...

Comecei minha vida profissional pelos idos dos anos 60 - um período tomado como referência dos últimos discursos de utopia do século XX. É surpreendente que hoje, ao falarmos com a geração atual, possuidora de suas próprias referências, e à luz do que está acontecendo no mundo, nosso discurso de 40 anos atrás se revele como um discurso muito transcendental, etnocêntrico e auto-referido. Nele, fundávamos um novo país, um novo pensamento, uma nova história. Estávamos, mais ou menos explicitamente, atravessados pelo mito do novo homem e de um projeto de justiça social que desmoronou ao longo do século. Pensava-se o mundo a partir do marxismo, da psicanálise, do catolicismo, do judaísmo, e havia um macro-discurso que aos olhos de hoje pode parecer nostálgico e megalomaniaco. Falava-se de uma dimensão de desejo de vida que abarcava um pro-

jeto pessoal, grupal e coletivo de décadas, sobre o qual tínhamos uma espécie de certeza de realização. Isso foi se arruinando, sobretudo na América Latina, através das ditaduras militares que destruíram todos os projetos alternativos, políticos e profissionais.

Quanto à escolha profissional, vai alguém saber o mistério que é o chamado da vocação! Sou filho de alguém que imigrou da Europa na sua infância, e que era um homem do campo que amava a terra e a produção agropecuária. Eu, por minha vez, podia escolher entre ser



Nosso discurso de 40 anos atrás se revela como muito transcendental, etnocêntrico e auto-referido.



um homem do campo ou seguir por onde certamente me empurrava minha própria neurose. A figura paterna sempre funciona como um modelo de referência, em relação ao qual se trabalha em continuidade ou em ruptura. Aquilo que recordo como o primeiro chamado do que depois pude chamar de psicanálise era entender por que as pessoas riam, por que as pessoas sofri-

am e por que as pessoas gozavam. Isso se converteu num objeto de curiosidade, talvez porque fosse muito enigmático o porquê das pessoas pensarem e sentirem de determinada maneira. A noção de enigma e de curiosidade por esse enigma, do porquê das pessoas desfrutarem do modo como o faziam, atraía-me e eu acreditava que existia um modo possível de ler a alma humana para entender os indivíduos, os grupos e as sociedades - com uma megalomania que aos quinze anos é muito suportável e até, quem sabe, desejável. Então, já que a psicologia estava muito mal no meu país, segui a carreira médica e fiz a trajetória absolutamente comum daquela época: estudei primeiramente medicina, depois, psiquiatria.

Por volta de 55-60, enquanto era estudante de medicina, constituiu-se o primeiro grupo psicanalítico uruguaio. Willy e Madeleine Baranger, duas pessoas com extraordinária qualidade, tanto em sua dimensão pessoal quanto como psicanalistas, fundaram o grupo. Minhas figuras de referência naquela época foram, sem dúvida, Willy, mais que Madeleine, que foi minha analista, e José Bleger, um dos supervisores que mais me marcou. Também Emilio Rodrigué e Marie Langer existiam em nosso horizonte de referências teóricas locais. Naquela época, havia um grupo de psicanalistas de esquerda que editou *Cuestionamos*, com os quais tive algumas afinidades e algumas diferenças desde o começo. A referência teórica para o Uruguai e para a Argentina era, então, fundamentalmente, kleiniana e pós-kleiniana. As pessoas tinham feito suas formações em Londres. Era o caso de Pichón Riviére e Arminda Aberastury que fizeram análise com Paula Heimann e Hanna Segal. A meca da psicanálise, naquela momento, era um pós-freudismo de referência londrina e kleiniana em relação ao qual não havia dúvida nem alternativa: era

um mundo unipolar, de uma influência, que nós estudávamos com a ortodoxia e a paixão dos crentes. Aprendemos bem as figuras do kleinismo: ela continha uma boa teoria e uma boa interpretação a ser descoberta no material. Meus mestres tinham essa referência e, no mar de dúvidas do inconsciente, ter mestres e uma referência clara foi, para mim, muito importante. Não fui um dissidente prematuro e reconheço que minha vocação era ser bom aluno e não contestador. Levou muito tempo para eu poder assumir algumas dissidências.

O kleinismo floresceu e eu diria que por volta dos anos 70 foi se esgotando, enquanto no espaço político se anunciavam os primeiros artigos de radicalização política que depois conduziram às ditaduras em toda a região. No plano do pensamento, Baranger organizou a visita de três membros alheios à IPA: Serge Leclaire, Octave Mannoni e sua mulher Maud. Eu me surpreendo com a velocidade dos intercâmbios atuais: há muito material para pouco tempo de assimilação! Naquela época, no ano de 72, quando os Mannoni passaram pelo Uruguai, e depois, em 75, Leclaire, trabalhávamos uma semana inteira quase num retiro: suspendiam-se os pacientes, trabalhávamos oito ou nove horas por dia em um seminário. Leclaire e os Mannoni foram muito elegantes na discussão do 'pensamento kleiniano' e do 'pensamento francês'. Abordaram as premissas e os fundamentos de noções básicas como as de inconsciente, pulsão, sujeito. Discutiram como as discrepâncias ou as mestiçagens entre teorias se dão nos seus desenvolvimentos, ou outras vezes, exigem que se dirija para os pilares fundadores. Não se limitavam a um sistema único de pensamento.

Hoje, cada vez mais, penso que a psicanálise deve ter referências ou marcos referenciais múltiplos mas, naquela oportunidade, foi muito

importante poder discutir em pequenos grupos, a partir da clínica, os conceitos teóricos e seus fundamentos. Por exemplo, a noção de sujeito: a idéia de que o analista não é aquele que interpreta dando uma versão correta do que está clivado e submerso, mas que trabalha para restituir ao paciente sua capacidade associativa e sua posição de condutor do processo. Desse modo, o



Hoje, cada vez mais, penso que a psicanálise deve ter referências múltiplas.



lugar da incerteza é preservado e a interpretação pode ser mais norteadora do que explicativa.

Para mim, o encontro com Baranger foi muito importante. Uma pessoa não pode abandonar o kleinismo e tudo o que há nele de sagaz e de pertinente no descobrimento do psiquismo arcaico. Tudo o que Baranger nos transmitiu sobre as noções estruturais - não tanto as desenvolvimentistas e genéticas - mas a leitura estruturalista de Melanie Klein e de sua teoria das posições, tudo o que estava referido ao pólo de compreensão do psiquis-

mo arcaico, continuou me atravessando apesar de navegar por outros autores. Conservo na minha clínica, como um eixo muito importante, a referência ao aqui-e-agora candente. Da psicanálise francesa, trago essa outra relação com as instituições da cultura: a noção de lei, de sujeito descentrado, de incompletude do sujeito. No kleinismo busca-se a síntese na posição depressiva como uma meta ou um feito ao qual se pode chegar ao final do tratamento. E não há um critério equivalente de cura desse tipo no desenvolvimento da psicanálise de inspiração lacaniana. Ou talvez já não diria 'lacaniana', pois mesmo tendo sido Lacan o fundador dessa estirpe de pensamento, que marca todo o pensamento francês, muito do melhor da herança lacaniana está em seus alunos dissidentes, que não se dizem lacanianos.

Percorso: O Sr. passou alguns anos em Paris. Como esse período marcou a sua trajetória na psicanálise?

Vinçar: Na década de 60, minha condição de militante universitário provocou minha prisão e mais tarde, temi a reiteração de uma prisão. Nesse sentido, o encontro com Leclaire foi decisivo, porque foi ele quem sustentou o destino de nosso exílio na França. Ele me ofereceu algo como um estágio, uma passagem intelectual que se converteu numa estadia de 14 anos. Ninguém passa pela França e por Paris durante 14 anos, sem ficar profundamente marcado por um pensamento vivo, por uma psicanálise que apesar de pertinente à instituição analítica, era pouco fechada a outras influências. As instituições de saúde mental encontravam-se pouco atreladas ao método de tratamento da psicanálise e muito abertas a distintas produções da cultura - tanto que lá a relação entre trabalhador de saúde mental e sujeito cultural são muito mais vizinhas e rizomáti-

cas do que parece ser na tradição de outros lugares. A psicanálise francesa está muito mais implicada na produção da cultura local.

Quando voltei transitoriamente, inclusive ao Brasil, surpreendeu-me muito que a referência teórico-institucional de meus colegas latino-americanos fosse européia. “Eu sou kleiniano”, “eu sou bioniano”, “eu sou lacaniano”, “eu sou de Jacques-Alain Miller”. Isto me provocava uma irritação muito grande. Parecia que tínhamos nos transformado em maus herdeiros de boas e más coisas, e que isso impedia de construirmos nosso próprio perfil. Existe uma semiologia e uma clínica que deve deitar suas raízes na cultura local, nas modalidades das instituições locais, nas idiossincrasias, ainda que de forma balbuciante e precária, sem o brilho e o prestígio das escolas européias. Sempre existe o perigo do chauvinismo, de se fazer uma psicanálise nacionalista, mas a influência do país e da comunidade local de investigadores me parece um fato essencial para a produção de pensamento. Então, discutir se se é milleriano ou bioniano, parece-me que nos desvia da leitura de nossos pacientes, de nossos manicômios, de nossas escolas, de nossos modismos, de nossa literatura, de nossos historiadores... Sem dúvida, vale a pena tomar dos europeus alguns eixos de estudo, mas tratando de reformulá-los em termos de nossos desafios.

Percorso: Poderíamos dizer que ao fazer esse tipo de reflexão, o Sr. se inicia num movimento próprio e contestador (não tanto de “bom aluno”), com um pensamento mais voltado para a América Latina?

Viñar: A psicanálise é um pensamento sempre em trânsito. Assim foi com Freud, e assim foi com todos os criadores da psicanálise. Eles são navegadores, exploradores de terras desconhecidas, e nunca che-

gam! Como diz Dom Quixote, “O que importa é o caminho, não a morada”. Quando somos importadores de sistemas de pensamento já existentes, que se transmitem organizados em sistemas de pensamentos coerentes, sofremos um processo de alienação. A idéia é iniciar por uma clínica da amostragem, observando como são nossos loucos, como são nossos meninos de rua, como é nossa literatura *kitsch* e nossa boa literatura, e tratar de pensar a partir dessas categorias que têm uma marca cultural. As relações entre cultura local e psicanálise são cruciais.



Vale a pena tomar
dos europeus
alguns eixos de estudo,
mas tratando de
reformulá-los
em termos de nossos
desafios.



Percorso: Será que essa é a nova utopia?

Viñar: É uma nova utopia.

Percorso: Ou seja, a utopia continua existindo enquanto projeto e proposta de enraizamento da psicanálise na cultura onde está sendo exercida.

Viñar: A resposta é afirmativa.

Hoje em dia, a palavra utopia é mal vista.

Percorso: Pelo Sr. também?

Viñar: Veja, a utopia tem todos os riscos da crença e toda crença tem algo de falsidade. Mas a descrença é a pior das crenças. Então, carecemos de utopia. Se eu tenho a minha crença, a minha utopia, vou contar com uma massa de interlocutores, colegas ou adversários - todo colega é um amigo, é um rival, é um adversário - e isso permite tecer uma metonímia interminável para continuar procurando. Essa sim é a utopia, sem lugar de chegada.

Percorso: Talvez uma ética sempre esteja ligada a uma utopia. Nesse sentido, poderíamos pensar que se existe uma contribuição da psicanálise latino-americana para o cenário internacional, ela só poderia estar acontecendo a partir daí.

Viñar: Sim. Creio que só chegamos ao universal passando pelo local. Assim é na história, assim é na literatura, e em todas as dimensões do humano: não há nenhum personagem que seja universal como Dom Quixote ou como Shakespeare, sem que tenha passado pelo local. É preciso habitar um lugar e um tempo para depois transcendê-lo. Não se chega ao universal sem uma dura travessia por esse local que está marcado por aquilo que um sujeito pode fazer de seu tempo e de seu lugar de pertinência. De suas lealdades, de seus amores, de sua própria estupidéz. Tudo isso faz parte do acesso à universalidade.

Percorso: O Sr. saiu do Uruguai vinculado à Associação Psicanalítica Internacional, e depois, na França, estabeleceu uma forte relação com Leclair a ponto de produzirem textos juntos. Em seu retorno à América Latina, o Sr. sempre se manteve ativo na IPA. Qual é a sua relação, no momento, com as insti-

tuições psicanalíticas?

Viñar: Nunca saí da IPA. Acabo de aceitar minha nomeação como presidente da Federação Latino-Americana. Fazer parte de uma das igrejas do movimento psicanalítico está ligado à minha história e a lealdades pessoais. Estive próximo do movimento de ruptura da Associação Psicanalítica Argentina, que deu lugar a Plataforma, que deu lugar a Documento, que deu lugar a outras cisões. No Uruguai, a APU (Associação Psicanalítica do Uruguai), grupo ao qual pertencço, ao qual pertenceram meus ancestrais e meus mestres, não teve cisões e mantém-se como um grupo psicanalítico onde a pluralidade de referentes teóricos foi sempre não apenas tolerada, como legitimada. A pluralidade - uma vez que alguém renuncia a uma teoria única - acarreta a verdade fragmentada e implica um certo êxodo da verdade absoluta. A idéia de um saber unitário, sistemático e coerente fica perdida para sempre. No grupo uruguaio, a lealdade e adesão a meus mestres me fez permanecer sem rupturas institucionais. Creio que há um compromisso de inscrição coletiva mais do que os movimentos pessoais.

As cisões podem ser entendidas como resultado de discrepâncias ou simpatias teóricas. Essa é uma parte da verdade. Muitas vezes, trata-se de conflitos de clientela e conflitos de marca. São problemas de mercado, problemas de influência e de pequenas guerras. Com relação ao movimento internacional, não tenho o que dizer, mas a presença de aportes à psicanálise fora da IPA parece-me uma evidência muito grande. Eu não sou absolutista: não digo que a IPA seja o melhor nem que seja o pior. Há aqueles que têm a clareza de que combatendo a IPA faz-se uma psicanálise melhor. Eu não tenho essa convicção e muito menos a convicção que atribui à instituição o núcleo do mal, do empobrecimento, da re-

peção. Creio que a institucionalização do grupo permite um ponto grágario, uma massa crítica de investigadores cujo diálogo, controvérsia e confrontação, enriquecem a discrepância. Tenho adversários dentro da investigação empírica os quais, no entanto, introduzem-me a autores ou itinerários de pensamento que me obrigam a pensar melhor para poder compreender e ter melhor resultado naquilo que persigo como errôneo. Assim, parece-me que em ciências humanas, ao invés de manter um equilíbrio está-

“

Há pessoas
que pensam que a
psicanálise se contamina
quando entra
em contato com o
político-social,
com a instituição.

”

vel, é bom procurar manter uma instituição desestabilizada, permitindo a controvérsia e a diversidade. Claro que toda instituição pode tender ao empobrecimento, ao enrijecimento e até ao aniquilamento, mas as anti-instituições são às vezes institucionalizações muito rígidas.

Uma refutação sem proposta leva a uma posição muito paranóica onde se acredita que o mal se encontra “lá” (na instituição). O mal

é sempre mais fácil de identificar que o caminho possível. Nunca encontrei razões para me separar de um grupo trabalhador, empenhado e estudioso. Nesse sentido sou ecumênico e não gosto das guerras de religião. Muitas vezes, as forças de contestação e denúncia são muito saudáveis para assinalar coisas; como quando numa família pseudo-harmônica, vem alguém de fora que mostra os aspectos distônicos que de dentro não são visíveis. Nas instituições, as vezes, a situação de protesto pode ser muito útil, como por exemplo no caso do lacanismo, que se constituiu como instituição a partir de uma refutação do que havia de pior na IPA. O que me parece importante, é a divisão entre aqueles que trabalham seriamente em áreas concretas de problemas, e os que não o fazem. É isso que parece organizar a vida do movimento psicanalítico na América Latina: sua inscrição no social, sua inscrição no político, sua inscrição nas instituições concretas.

Percursos: Talvez neste caso haja uma especificidade uruguaia. Esta vinculação com o social, que caracteriza o seu trabalho e a sua posição, nunca entrou em conflito com a pertinência à IPA?

Viñar: Sempre entrou em conflito! Foram conflitos tramitáveis, que não levaram à ruptura. Eles ainda existem! Há pessoas que pensam que a psicanálise se contamina quando entra em contato com o político-social, com a instituição. Sempre há os que pensam que tudo aquilo que ocorre, em psicanálise, fora do consultório, seja apenas cobre vil, e que o verdadeiro ouro está apenas no consultório. Mas estes são radicalismos, problemas micro-grupais. Também não me parece que devamos idealizar o Uruguai. Há setores dentro dos grupos psicanalíticos aos quais importa muito pouco essa inscrição. Existem setores que estudam doenças psicosis-

somáticas, psicoses, e que consideram menos o fator político. Na realidade, a psicanálise tem um defeito e uma virtude, que é a de ser uma disciplina que estabelece fronteiras com muitas outras. Desse modo, é possível admirar um psicanalista que se interessa pela lógica, pela epistemologia, ou por outras disciplinas nas quais a relação com o social e o político não é patente. Talvez o Uruguai tenha alcançado um modo de conviver na diversidade. Outros grupos que não conseguiram alcançar esta convivência, foram levados à cisões.

Percorso: Seu trabalho com crianças institucionalizadas, com apátridas, com exilados e com sobreviventes da tortura é muito importante e muito tocante, até porque implica em tratar da questão do real do corpo, de situações-limite que operam como interrogantes da psicanálise. No entanto, há um risco desse tipo de experiência na vida ser socialmente sobrevalorizado. Qual é o lugar que estas situações ocupam na sua escuta? E ainda, como o Sr. considera a participação de experiências desta ordem de concretude e de violência, na construção necessária da fantasia das origens, que todo sujeito precisa percorrer para poder se constituir?

Viñar: São perguntas difíceis. Ocorreu-me, enquanto as escutava, uma linda frase de Maurice Blanchot que diz que “a resposta é a desgraça da pergunta”. A revista de vocês se chama *Percorso*, e sendo assim, o importante, como diz Freud, é navegar e não viver. Na psicanálise, o ponto extremo da experiência, os pontos-limite da experiência real ou da experiência fantasmática, são os momentos mais fecundos. Na psicanálise, o ponto-limite da dificuldade é o que por sua vez permite ter diante de si o mais abismal e o mais fundo do ser humano. Parece-me falso dizer que um ser humano torturado é mais ou é

menos do que um ser humano não torturado. Na diversidade das experiências humanas, muitos vivem como amortecidos, e apenas o traumatismo os desperta. Há criações tão lindas feitas a partir da dor, que se poderia pensar que se a dor fosse eliminada da existência humana, individual e coletiva, o mundo se tornaria muito aborrecido. Então, de todo modo, a psicanálise é um “o



A revista de
vocês se chama
Percorso: sendo assim,
o importante, como
diz Freud, é navegar
e não viver.



que fazer?” que sempre volta ao abismo. A psicose é um exemplo. O fato de ter havido uma ditadura no Uruguai por uma década e meia, acabou ocasionando a perda da condição anterior de um país muito pacífico, com uma conjuntura social bastante homogênea. Atualmente, nós, uruguaios, dizemos que somos latino-americanizados pelo fato de que em nosso continente os ricos são muito ricos, e os pobres muito pobres. O acesso aos bens materiais, à educação e à saúde são muito piores aqui do que no hemisfério

norte, e isto faz com que sejamos uma região única, onde há as maiores desigualdades do planeta, muito mais do que a África. Este fato nos conduziu e vai continuar nos conduzindo a explosões de violência muito grandes. Ainda não terminou o temporal, e outros estão por acontecer.

Como isso influi na nossa prática psicanalítica? É difícil hoje em dia dar alguma resposta congruente a isso. Eu posso dar uma resposta fragmentada, em retalhos. Posso dizer que nos despertou para certas coisas, como por exemplo observarmos que a noção psicanalítica de mundo interno cria um mundo intimista e de fechamento, que desconhece todo o exterior tumultuado, não só da injustiça social, mas de todas as misérias humanas. Houve um momento em que era recomendado escutar apenas aquilo que remetia ao mundo inconsciente. Depois, num certo sentido, a ditadura nos ajudou a escutar como a *polis* atravessava as sessões. Para isso não é necessário que haja tortura....basta a vida corrente. Mas ao menos as circunstâncias nos fizeram entender que o ruído da cidade que atravessa o consultório analítico não é apenas ruído, não é apenas material descartável, mas que há uma influência da vida íntima e da vida pessoal que se projeta no trajeto social de um indivíduo; que há algo da história coletiva que atravessa o indivíduo, e algo da vida pessoal que constitui o indivíduo como sujeito social. Aprendemos que o ruído da cidade que atravessa a sessão não é apenas foco de resistência à análise, e que a fronteira entre o mundo familiar externo e o mundo interno das pessoas – aquilo que chamamos de “estudo dos conflitos internos” – é muito mais poroso. O externo e o interno são muito mais porosos. Isso se fez evidente a partir da experiência da ditadura. Muitas vezes o mal é uma fonte de reflexão. Assim também, fomos obrigados a enca-

rar o genocídio indígena como uma herança do terror. O maior genocídio da história é o genocídio que o mundo ocidental realizou.

Quanto ao debate freudiano sobre a teoria do trauma, a teoria da sedução e a organização fantasmática, é preciso lembrar que muitas vezes elas foram tomadas como antinomias: ou um, ou outro. Ou havia trauma e sedução, ou havia o engano da histérica. ("Minha neurótica me engana"). Hoje penso que é necessário manter estes termos não como antinômicos, mas como pertencentes a uma dialética com pontos muito sutis quanto à experiência infantil de vida. É muito mais tênue a fronteira entre as duas coisas: a mãe real e concreta, o pai real e concreto, o lugar do indivíduo no núcleo familiar e a organização das constelações fantasmáticas. O pensamento de Lacan influenciou muito, para que alcançássemos esta compreensão. A partir do uso da banda de Moëbius, resgatou-se o pensamento freudiano de que o fantasma, a fantasia, é sempre uma mistura na qual nosso pensar habitual se conjuga com a arquitetura inconsciente, o que implica em que sempre entendamos apenas fragmentos de sentido. Quando alguém define que o que importa é apenas o interno, ou apenas o externo, está dando uma resposta dogmática. E esta, indubitavelmente, impede a investigação. Creio que é importante manter entre essas duas vertentes uma interligação infinita.

No Uruguai, ocorreu a influência de alguns historiadores da mentalidade muito importantes, como José Pedro Barrán ou Gerardo Caetano. Já há algum tempo, juntamente com eles e com alguns colegas psicanalistas, particularmente Daniel Gil, venho mantendo uma reflexão conjunta sobre a moral sexual, o lugar da mulher, o lugar do clero, o lugar do médico. Ou sobre como passamos, na organização social do Uruguai, da cultura bárbara à cultu-

ra atual. Isso nos ajuda a ver, com relação às mudanças, em que momento se trata de causalidade inconsciente, de determinismo, do universo fantasmático, e quando um certo modo de processar as crenças coletivas está incidindo muito no que pensa o paciente e o analista. Afinal, eles também são emergentes de um dispositivo de crenças e de um dispositivo de códigos

“

Já há algum tempo
venho mantendo
uma reflexão
sobre a moral sexual,
o lugar da mulher,
do clero, do médico.

”

pertencentes a sua comunidade. Quando nos detemos para apreender aquilo que se pensava da homossexualidade ou do judaísmo há trinta anos atrás, e comparamos com o que se pensa hoje, percebemos cada vez mais o caráter mutante da história e cada vez nos tornamos mais sensíveis e mais alertas às possíveis mudanças.

O caráter mutante da história e a vertiginosa transformação do mundo atual, sensibilizam-nos ainda mais para a problemática do diálogo

entre gerações. Quando eu lhes contava, há pouco, uma parte da minha biografia, transparecia no meu relato o quanto era fundamental na minha geração ter um projeto, um anseio para a vida amorosa, profissional, política; parece que se perguntarmos aos jovens de hoje como se projetam para daqui a dez ou vinte anos, estamos lhes fazendo uma pergunta - que nada tem a ver com eles. Há algo em relação à permanência e ao efêmero que mudou vertiginosamente! Isso exerce uma importância fundamental no que chamamos de realidade psíquica. Esta organiza-se com invariantes universais - o complexo de Édipo e a seqüela do fantasma originário são teses freudianas que eu sustento - mas como ambos estarão coloridos por aquilo que no coletivo marca a diversidade do posicionamento do jovem de um determinado grupo geracional? É fundamental continuarmos a explorar essa questão.

Percurso: Neste sentido, se há uma penetração exercida pelo universo da vida cotidiana em direção à metapsicologia, seríamos obrigados a reformular a própria metapsicologia.

Viñar: Provavelmente! Eu, pessoalmente, nunca vou formular uma metapsicologia, mas provavelmente é preciso pensá-la. Eu não acredito que se deva atirar a anterior no lixo e inventar uma nova, mas é necessário confrontar o que sabemos com os achados que se nos impõem.

Percurso: Ao dizer: "Eu nunca vou formular uma metapsicologia", qual é o problema que para o Sr. está envolvido em se debruçar sobre esta questão?

Viñar: Esta é uma questão difícil, e poderíamos ficar horas falando sobre ela. Minha idéia é que os paradigmas da modernidade, e as noções de determinismo, de racio-

nalidade determinista que esses paradigmas continham, obrigavam a metapsicologias estáveis, a sistemas metapsicológicos congruentes entre si. Hoje as noções de caos determinista, e de causalidade estocástica conduzem a uma exigência de explicações muito mais provisórias, muito mais limitadas, cujos modelos de saber são permanentemente confrontados. É muito arriscado na época atual usar o saber freudiano como um dispositivo de saber direcionado para entender a realidade. Acredito que a realidade é por demais mutante, que a realidade nos deixa numa situação de perplexidade e de assombro frente à qual havemos de ser sensíveis, e não há razão para nos apressarmos em explicações metapsicológicas.

Percurso: Mas as formulações metapsicológicas não devem ser construídas dentro de um caráter de provisoriedade, na medida em que a clínica obriga a metapsicologia a se rever?

Viñar: Ah, bom! Se você me garantir que a metapsicologia é provisória...Veja, as tópicas freudianas são tão provisórias que foram duas! Freud sempre esteve construindo. Freud teorizava como Penélope tecia; ele faz e desfaz! Neste sentido, sim, a função da reflexão é provisória, é um modo operativo, é aquilo que ajuda a se desprender do caos da experiência para poder pensar. Creio que é necessário tecer narrativas teórico-clínicas para as novas realidades, para as psicopatologias de hoje. Temos que voltar à clínica e à clínica da atualidade com todo o nosso saber e com toda a modéstia e nossa perplexidade, pois daí surgirão evidências a partir das quais aqueles que têm talento poderão formular hipóteses metapsicológicas, usando o saber do passado.

Percurso: O Sr. propõe narrativas clínico-teóricas. Encontra-se aí seu interesse pelos contos?

Viñar: Considero a noção de narrativa fundamental! Ela inclui algo que sempre está, que sempre muda, que sempre sustenta um elemento de permanência e outro de transitoriedade. Não há sistema compatível com estabilização de uma organização do funcionamen-



Temos que definir
quais acontecimentos
são significativos
para a organização
da subjetividade.



to psíquico. Veja a noção de aparato psíquico, por exemplo: quem é que já viu algum? Ou ainda, como ouvi de alguém: “O aparato psíquico não está na cabeça. Nós o produzimos através do que diariamente vamos entendendo ou não entendendo dos acontecimentos do mundo.” Ocorre que temos que definir quais acontecimentos são significativos para a organização da subjetividade. Todo ser humano necessita do espelho dos outros, não há ser humano sem um grupo de lealdades e pertinências. Antes, as

lealdades e as pertinências tinham um grande papel: a religião, a pátria, o partido, o movimento político. Atualmente, esse sistema de reconhecimento, esse sistema de lealdades está muito mais tribalizado, está muito mais dividido em ilhas, distribuído por interesses múltiplos, e, por outro lado, muito mais endogâmico. Os *punks* são *punks*, os consumidores de droga são consumidores de droga, os *gays* são *gays*, as lésbicas são lésbicas. Quer dizer, há algo como uma exaltação das minorias, que se fecham em guetos endogâmicos. A idéia de multiplicidade e a idéia de diversidade têm de sofrer reformulações ou ser confrontadas de uma outra maneira com os grandes referentes de outrora, que diziam: “eu sou católico”, “eu sou judeu”, “eu sou socialista”. Temos que aprender que há algo com relação às identidades rizomáticas e múltiplas que vão configurando uma noção de pertinência de ideal global, que continuaremos a descobrir enquanto vivermos.

Percurso: Em seu texto referido ao escrito de Freud *Bate-se numa Criança* ², o Sr. monta uma arquitetura da fantasia, e em seguida, relaciona-a à fundação da violência, a partir de um modelo de oscilação entre o pólo de responsabilidade – considerar-se autor e sujeito de algo – e o pólo da abstenção – “eu não tenho nada a ver com essa fantasia! Eu nem apanho nem bato.”

A partir do que o Sr. disse agora, talvez a ausência de um projeto, nos jovens contemporâneos, derive de uma atitude comum entre eles, de não se responsabilizar pelo que se vive. E nesta linha, a fundação da violência poderia estar relacionada à falta de comprometimento pessoal, à ausência de um sujeito que se responsabilize por si: por suas ações, por suas fantasias, pelo contexto social em que vive etc.

Viñar: O problema é muito complexo. A violência é algo hu-

mano ou algo inumano? Sou contra pensar a violência como categoria independente das situações e acontecimentos. Estou convencido de que não se pode pensar um mundo, um grupo ou um sujeito sem violência! O problema é que ela não é uma só. Há muitas violências: umas são mais toleráveis e outras são mais abjetas. Uma coisa é uma fantasia filicida ou parricida, outra coisa é matar um filho ou matar um ser humano. Por isso penso que, antes de falar em violência, é preciso falar em semiologia do acontecimento. A questão é a seguinte: dizemos que queremos viver em paz, que queremos ser felizes, mas essa possibilidade de dirigir o bem soberano falhou como meta. Isso nos obriga a inventar uma outra lógica, uma lógica que não seja em nome do bem soberano, em nome do simples bem, mas sim que permita incluir certas margens toleráveis de violência, de inimizade e de crueldade. Mas não creio que haja uma medida. Certamente uma bomba atômica é um ato de violência, e a guerra, o sadismo, o campo de concentração, a tortura, ou o manicômio, a instituição e o reformatório para crianças sem lar, são lugares que a humanidade do século XX inventou como pólos sociais de crueldade institucionalizada. Então, partindo das idéias de Hannah Arendt, de Alain Badiou e de Freire, acredito que se deva iniciar a análise por unidades mais compreensíveis da violência, e que se deva fazer contos, relatos, enfim, uma semiologia prolixa de onde emerge o abjeto, de onde emerge a crueldade intolerável e de onde emerge essa dose de crueldade e de violência que é parte da vida humana. Para dizê-lo de uma maneira muito direta e simples: a vida implica violência. Viver implica a violência e não há vida 'pensável' sem violência.

O fato de ter trabalhado o tema da tortura e o tema dos meninos de rua, ou das crianças desamparadas

e delinquentes, de certo modo colocou-me na categoria de 'violentólogo'. Eu não acredito em 'violentólogos'. Deve-se ir em direção à definição semiológica e à descrição concreta de onde e como emerge a violência intolerável. Deve-se dirigir para unidades abordáveis, em um lugar determinado, em um gru-

“

Ter trabalhado
os temas da tortura
e dos meninos
de rua colocou-me
na categoria de
“violentólogo”. Eu não
acredito em
“violentólogos”.

”

po determinado, em uma instituição determinada e aí buscar genealogias e desenvolvimentos, matizes onde a compreensão e a transformação são concomitantes. Não podemos chegar a categorias estáveis e estabelecer, por exemplo, o diagnóstico de anti-social, de sociopata - tal como proposto na noção de 'narcisismo maligno', de Kernberg, que estabiliza categorias semiológicas ou nosológicas estáveis como categorias onde o mal está substancializado. Esses não me parecem ca-

minhos oportunos. É necessário trabalhar com as realidades humanas, institucionais e sócio-políticas concretas, estudando grupos familiares, grupos institucionais ou nações. Aí se pode ver as condições de emergência da violência e suas transformações políticas. Parece-me que é aí que a noção de especialista (o saber acadêmico) e a noção de político e de cidadão militante - que durante todo o século XX estiveram separados em um saber teórico e em um trabalho aplicado - podem, juntos, definir áreas onde a violência emerge e vislumbrar condições para que seja suprimida. Por exemplo, no Uruguai de hoje há tantos torturadores como houve há vinte anos atrás. O que acontece é que as condições do pacto de convivência do Uruguai democrático são distintas das condições à época ditatorial. E entre o mundo totalitário da ditadura e o mundo contraditório e polivalente da democracia, se estabelece um pólo do mais desejável e do menos desejável. Michel Foucault mostrou como certas instituições paradigmáticas do final do século, não só o campo de concentração, mas também o reformatório, a escola, o manicômio, são lugares onde o trabalho acadêmico e a leitura fina podem ajudar a modificar esse conflito ou essa derivação na corrupção.

Percursos: Qual seria a contribuição específica que um analista poderia trazer a essa semiologia do acontecimento violento?

Viñar: Acredito que a contribuição da psicanálise seja decisiva no sentido de poder manter o conflito e sustentar, na medida do possível, uma mediatização da descarga em ato. Não uma abolição da sanção punitiva, nem uma desresponsabilização, pois isso também seria um uso perverso da psicanálise. Mas a possibilidade de que os protagonistas dos acontecimentos violentos possam sustentar o conflito, ajuda-

dos por um terceiro exterior, e mantenham suspensa a resposta punitiva imediata. Essa suspensão criaria um 'colchão', um espaço de *rêverie*, ou melhor, espaços lúdicos nos espaços concretos, onde a catarse da violência humana poderia ser manejável, e onde a brutalidade poderia ser sancionada ou questionada e, deste modo, distendida.

Percurso: Seria essa a contribuição do Grupo de Palavras? ³

Viñar: O Grupo de Palavras existe para isso e é um instrumento eficaz. Nos conflitos em instituições de reabilitação para crianças sem lar, muitas vezes esse instrumento possibilita a transformação dessa hostilidade em amor. Não que resulte sempre num *happy end*, mas mostra que o restabelecimento de um círculo benigno mediante a palavra é perfeitamente viável.

Percurso: O senhor teria algum exemplo que ilustrasse as contribuições do trabalho com o Grupo de Palavras?

Viñar: As relações de pais com filhos, o amor dos casais, o amor conjugal, sempre são violentos. Toda intimidade é violenta! E a mobilidade seria um elemento de saúde: a possibilidade de poder tramitar e questionar a retificação de certos espectros, assim como deslocar o ponto de conflito que imobiliza os protagonistas. A cristalização em posições estereotipadas seria o elemento a ser temido. O reconhecimento das diferenças e do poder real da intimidade humana dá lugar a esse trabalho sobre a alteridade, que é uma contribuição específica da psicanálise e um exemplo do que se busca no Grupo de Palavras.

O outro, seja ele quem for - o filho, a esposa, o pai - é outro e não quem eu quero que seja; ele ocupa o lugar de seu próprio desejo e não o lugar do meu desejo. O primeiro amor é um amor que rechaça o diferente e busca anexar-se ao seme-

lhante, pois trata-se de um encontro presidido pela auto-referência narcisista. Isso na vida conjugal é uma experiência de todos os dias, assim como na vida de pais e filhos. Mas muitas vezes cria-se um círculo maligno que vai se perpetuando. E fatos que são da experiên-



O reconhecimento das diferenças e do poder real da intimidade humana dá lugar ao trabalho sobre a alteridade.



cia universal e estão presentes na vida familiar de qualquer um de nós, multiplicam-se e diversificam-se na instituição educativa. Essa é uma referência que sempre baliza as análises no Grupo de Palavras.

Mais especificamente, um bom exemplo desse trabalho seria a atenção dada ao espaço que os pais e os educadores necessitam para admitir que os jovens burlem e transgridam normas para tentar reafirmar a sua identidade. Uma das funções do aparato é garantir com que o

adulto possa renunciar à sua função predicativa e normatizante, e admita certo tipo de transgressão e de triunfo maníaco de realização por oposição ("Eu sou isto porque é o oposto do que você quer que eu seja."). A idéia seria simplesmente propor essa lógica, não de modo estereotipado, mas colocando-a como uma das possibilidades de desenlace dos sucessivos encontros. O trabalho de reconhecimento do estranho no outro parece acrescentar infinitas possibilidades no desenvolvimento dos vínculos. E a prática da psicanálise - nossas longas horas de escuta no divã e na poltrona - nos ajuda a ter uma certa perícia para reconhecer onde e como se pode desbloquear esses pontos de oposição explosivos. É claro que é difícil e nem sempre se triunfa. Há certas afinidades, certas cumplicidades perversas, psicóticas ou sociopatas que fazem com que o intolerável não coincida nos diversos membros. Mas quando se alcança a metonímia desse intolerável, evita-se o ponto de choque e de explosão nos conflitos. É importante que esse tipo de trabalho seja em grupo, pois quando a situação se torna insuportável para um, há o outro. Como quando a mãe diz ao pai: "Eu não agüento mais o seu filho! Cuide você um pouco!" Sempre essa derivação, esse espaço de deslocamento, permite a perpétua tramitação entre momentos de bloqueio e de desbloqueio. De todas as maneiras, o conflito vai continuar. O problema não é se há ou não conflito; não se trata da oposição entre a harmonia e a oposição intolerável, mas sim de criar esses espaços. O importante é criar instituições familiares ou extra-familiares que permitam uma certa capacidade reflexiva, uma certa mobilidade dos pés, das funções e dos estilos.

Percurso: Em seu texto apresentado no 41º Congresso da IPA ⁴, o Sr. escreve: "(...) ao buscar a ori-

gem ou uma essência fundadora, o que se descobre é a repetição e a insistência: a reprodução de certos itinerários em detrimento de outros, a evitação de alguns caminhos e a reiteração de outros que, em seu conjunto, formam um estilo, uma maneira de ser, que se expressa tanto no patológico quanto na criatividade.” Como o Sr. diferencia se um estilo está se expressando no modo patológico ou no da criatividade?

Viñar: A diferença de sexos ou a diferença de gêneros é uma diferença básica em toda organização social. Os homens sempre se perguntam sobre o que quer uma mulher e sobre como goza a mulher. Eu suponho que também a mulher se pergunte sobre o que quer o homem. Sempre há uma medida auto-referente. Apenas Tirésias, que era cego, sabia o que era ocupar tanto a posição feminina quanto a posição masculina no ato sexual. Sempre o outro é um estranho. Eu diria que algo é criativo quando o descobrimento do diferente provoca prazer. E acredito que esteja próximo do terreno patológico quando provoca irritação, sofrimento ou recusa, aproximando-se do intolerável. Mas a meu ver, qualquer ser humano se confronta com as duas situações. É o que se diz: “De poeta e de louco, todos temos um pouco.” Um resumo desse critério, seria: o louco é o que se repete e é fonte de padecimento.

Percurso: O que o Sr. acha da existência de grupos formados atualmente com a especificidade de atender ex-torturados? No Brasil, por exemplo, o Grupo *Tortura Nunca Mais* é procurado por ex-presos e ex-torturados políticos que buscam ajuda psicológica.

Viñar: Antes de me dirigir aos grupos específicos, é preciso pensar no macro-social. Quando uma sociedade passa por um período de terror - seja a sociedade brasileira, a uruguaia, a sul-africana, a iugos-

lava ou a israelense - o exorcismo desse terror leva muitas décadas. Geralmente, nos períodos pós-totalitários, ocorre que um grupo majoritário da sociedade impõe-se o esquecimento, por não querer mais pensar no horror. Ele é suprimido, e a herança da memória do terror é



Eu diria que algo é criativo quando o descobrimento do diferente provoca prazer.



delegada aos sofrendores e às vítimas. Opera-se uma higiene mental da seguinte forma: “Eu não tenho relação com isso; na família, eu não tenho desaparecidos, nem torturados.” Então se cria uma clivagem macro-social, a partir da qual a sociedade não quer pensar nos temas do terror. Isso ocorreu na Alemanha do pós-guerra de modo muito claro.

Uma experiência interessante que eu conheci foi a de uma comissão de reconciliação na África do Sul, na qual os torturadores podiam comprar seu indulto mediante um custo. A maneira de alcançar a anis-

tia era a confissão, íntegra e detalhada, de todos os crimes cometidos. Então havia pessoas que contavam torturas e crimes durante horas! Isso, num nível macro-social, criou uma distensão. Houve uma interpenetração entre setores anteriormente divorciados: a sociedade, que se ocupava dos temas da herança do terror, e o setor social, que tentava não lhes dar atenção. Apesar de muitos terem visto essa questão da confissão pública como uma catarse que iria arruinar a convivência, a experiência destes cinco anos na África do Sul consistiu na melhoria da convivência entre a comunidade branca e a comunidade negra. E são cem anos de ódio! Não se trata de pouco tempo. Isso teve uma função catártica que aliviou a convivência, e melhorou globalmente os vínculos depois do *apartheid*. Penso ser necessária a mediação de um terceiro. É necessário que a sociedade possa falar do nunca-mais, que a imprensa possa publicar, que possam existir peças de teatro e periódicos, que haja um exorcismo dos tempos de terror e que todos possam vê-lo. Isso distende a vítima. Quando o coletivo social acolhe, amortiza e serve de testemunha, a vítima se sente menos isolada. Quando a vítima é segregada, necessita de um lamento perpétuo até a sua morte, como se estivesse aprisionada numa memória sacrificial, num gemido perpétuo.

Existiram muitas experiências psicoterapêuticas para as vítimas da tortura; centros especializados no mundo todo: no Uruguai, no Chile, no Brasil, em São Paulo. O próprio D. Paulo Evaristo Arns ajudou nesse projeto. A assistência aos desaparecidos e aos torturados foi uma obra magna que agora parece ser muito importante em toda a região da Iugoslávia. Uma das coisas originais para isto é, ao invés de abrir um consultório, “abrir” um café. Por exemplo, na Alemanha eu conheci um grupo chamado *Dachau*, onde

os que tinham necessidade haviam formado um grupo de ajuda mútua, no qual eles falavam e se escutavam entre si. Trata-se de um grupo que tem uma função catártica como os *Alcoólatras Anônimos*, os *Obe-sos Anônimos*, onde a função do terapeuta está diluída ou diversificada e no qual há pessoas sensíveis à questão. Não se trata dessa polaridade frontal na qual o terapeuta está na posição de incólume, na posição de são, e a vítima está em posição de vítima. Mas a formação de grupos assistenciais é uma armadilha muito perigosa. Na Suíça, por exemplo, há psicoterapias que chegaram a durar vinte e cinco anos dessa maneira! Trata-se de uma eterna ladainha de queixas: "Veja o que aconteceu comigo! Eu nunca vou poder sair disso!" E isso, dez anos depois, quinze anos depois, vinte anos depois! Penso que nenhuma vítima pode ter um recolhimento sacrificial pelo resto de sua existência. Ela tem um dever de memória mas tem que libertar-se da memória do horror e deve-se ter muito cuidado com isso.

Percurso: Então um trabalho como o de Steven Spielberg, de recolher os depoimentos dos sobreviventes do holocausto, pode ter um caráter mais terapêutico do que o trabalho de consultório?

Viñar: Sobretudo quando aquele que testemunha sabe que seu testemunho é escutado. Aqueles que recolheram os depoimentos, contam que o que fazia bem aos que narravam sua história, é quando se lhes dizia: "Esta fita cassete que você está gravando será escutada nas Nações Unidas, na Suíça." Não pode haver um fechamento entre as vítimas; é necessário que o testemunho transcenda o grupo dos que sofrem, que haja uma comunidade de escuta, que seja sensível e que liberte a vítima do seu lugar de sofrimento. Isso me parece algo capital. Em termos foucaul-

tianos, isso significa que se o louco sabe que é louco, é reconhecido como tal, e sabe que "Eu sou louco mas me amam", é muito diferente do louco que diz: "Eu sou louco e não me amam porque sou louco." É diferente ser uma vítima de um campo de concentração ou cristalizar-se nisso. Existe, em Berlim, a idéia de se construir um monumento, que teria quatro milhões de luzes relativas às vidas que foram interrompidas na Segunda Guerra. Você apertaria um dos botões, e apareceria: "Nasceu em tal dia... Festejou seu aniversário...". Eu não sei se essa catarse do tipo da que Spielberg promove é o melhor. Eu acredito que não. Acredito que se deve buscar o que Roberto Antel chama de "invenção de uma máquina que permita contar o horror para dele poder sair!" Caso contrário, há uma queixa estereotipada e perpétua, e cai-se na armadilha de viver à mercê da dor, que fica como uma chaga aberta.

Percurso: Mas uma das funções da psicanálise não seria justamente propiciar a saída do terror? Não seria tornar possível uma escuta que viabilizasse àquele que fala, também se escutar de uma outra posição, que não a da clausura? O perigo seria um conluio em análise...

Viñar: É uma das armadilhas do nosso ofício, com ou sem horror! A cumplicidade, como um mau sinal de análise, é sempre um risco. É um desafio. A palavra catártica interminável não serve. Deve-se escapar da armadilha. Eu sempre gosto de contar a história de Sarita: trata-se de uma mulher muito torturada, que após o período de tortura não conseguia mais se banhar no mar. Sua auto-cura deu-se no dia em que pôde ir à praia e dizer que os torturadores não mais poderiam impedir-la de desfrutar de um banho de mar. Eu acredito que é preciso buscar esse movimento mutativo. Toda a experiência de terror está

ameaçada de se tornar uma marca. Entretanto, a marca não tem que ser uma seqüela. A marca tem que ser um ponto sempre a trabalhar...

Percurso: Não pode virar um buraco negro.

Viñar: Exato! Não pode virar um buraco negro! Agora, se isso é ou não função da psicanálise e dos psicanalistas... claro que é! Mas também dos pintores, dos escritores, dos atores etc. Eu acho que não há monopólio de uma profissão quando o tema é o horror. Que os psicanalistas têm um lugar muito importante, do qual não podem renunciar, isso é verdade. Mas nunca se deve afirmar que a psicanálise é 'mais que' ou 'menos que' outra especialidade. A única coisa desejável é que o horror fale uma palavra transformadora. O pior é que haja uma palavra estereotipada e, sobretudo, que exista o silêncio: o silêncio do horror, o não-falar. Quando vemos a extrema pobreza e o extremo sofrimento, há um momento que é tão intolerável que não olhamos e silenciemos. Esse é o momento pecaminoso, de violência.

Percurso: Nós agradecemos muito a sua participação.

NOTAS

1. M. Viñar, *Exílio e Tortura*, São Paulo, Escuta, 1992.
2. M. Viñar, "Construction of a Fantasy - Reading 'A Child is being Beaten'", in E. Spector Person (org.), *On Freud's "A Child is being Beaten"*, New Haven and London, Yale University Press, 1997.
3. Trata-se de uma experiência de trabalho coordenada por psiquiatras, psicólogos e psicanalistas uruguaios, de formação de grupos de escuta psicanalítica em instituições do Estado destinadas a menores infratores, abandonados ou provenientes de famílias desintegradas. Esse trabalho de "investigação em ação" visa propiciar a circulação da palavra e a elaboração de conflitos que se manifestam entre os jovens internos e os funcionários, de modo a "permitir a emergência de um sujeito da palavra que possa balbuciar seu projeto, seu desejo e seu destino e se tornar responsável por si mesmo". Ver "Infância marginal na instituição: que saber para que prática?", *Jornal de Psicanálise*, 30 (55/56), São Paulo, 1997, p.125-134.
4. M. Viñar "Sesión plenaria del día lunes 26 de julio" in *Revista de Psicoanálisis*, LVI, 3, 1999, p.545-65.